

Afroconto e Quilombo do Sopapo: a extensão articulando universidade e território mediada pela literatura negra

Afroconto and Quilombo do Sopapo: the extension articulating university and territory mediated by black literature

Raquel da Silva Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
raquelsilveira43@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8002-8059>

Fernanda Nogueira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
fernanda.nogueira@ufrgs.br
<https://orcid.org/0000-0002-6178-6399>

Luana Lopes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
llopesdasilva415@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-4793-0091>

Eva Helena Barbosa Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
vinhabr@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-1522-0233>

Giulia Rayane da Silva de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
giuliadeoliveirafono@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0007-0656-6776>

Beatriz Rodrigues da Rosa

tamborecantoria@gmail.com

RESUMO: A contação de histórias com personagens negras tem sido utilizada para o enfrentamento ao racismo e fortalecimento da Lei nº11.645/2008. Este trabalho objetiva apresentar um relato de experiência da atividade de extensão universitária “Afroconto e Outros Contos”, do curso de Psicologia da UFRGS junto ao Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, na capital gaúcha, no período de 2024 a 2025. A metodologia utilizada é a contação de histórias infantis com representatividade negra. A partir do lugar de fala de três bolsistas do projeto, no qual elas escolheram um livro infantil para refletir sobre as suas diferentes formações teóricas (Relações Internacionais, Fonoaudiologia e Psicologia), acompanhamos as aprendizagens construídas nesse território negro de Porto Alegre, o Quilombo do Sopapo. A coordenadora do Ponto de Cultura também apresenta as suas reflexões sobre essa parceria da universidade com a comunidade. Os resultados demonstram trocas de saberes. Por um lado, as bolsistas reconhecem que as experiências no Ponto de Cultura enriqueceram suas trajetórias acadêmicas, tanto pela contação de histórias como prática antirracista, como pelas aprendizagens na mata do território. Para os estudantes das escolas públicas que escutaram as contações, percebeu-se o olhar brilhante dos estudantes negros ao se reconhecerem num lugar de autoridade.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias; Antirracismo; Psicologia.

ABSTRACT: Storytelling with black characters has been used to combat racism and strengthen Law No. 11.645/2008. This paper aims to present an experience report of the university extension activity “Afroconto e Outros Contos”, from the Psychology course at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) together with the Quilombo do Sopapo Cultural Center, in the capital of Rio Grande do Sul, in the period from 2024 to 2025. The methodology used is the telling of children's stories with black representation. From the perspective of three project scholarship holders, in which they chose a children's book to reflect on their different theoretical backgrounds (International Relations, Speech Therapy and Psychology), we follow the learning constructed in this black territory of Porto Alegre, the Quilombo do Sopapo. The coordinator of the Cultural Center also presents her reflections on this partnership between the university and the community. The results demonstrate exchanges of knowledge. On the one hand, the scholarship holders recognize that the experiences at Ponto de Cultura enriched their academic trajectories, both through storytelling as an anti-racist practice and through the learning they learned in the forest. For the students from public schools who listened to the stories, it was clear that the black students' eyes were shining as they recognized themselves in a place of authority.

KEYWORDS: Storytelling; Anti-Racism; Psychology

Introdução

O projeto de extensão Afroconto e Outros Contos atua com práticas antirracistas e anticapacitistas desde o ano de 2019, através de contação de histórias protagonizadas por personagens negros/as, indígenas e com deficiência (negros/as e brancos/as). Objetiva fortalecer a representatividade negra, indígena e de pessoas com deficiência (PcD) em escolas públicas, espaços públicos de promoção de saúde em Porto Alegre e em cidades da região metropolitana, e no próprio ambiente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As ações são mediadas pela literatura e envolvem crianças, adultos e idosos/as em diversos territórios.

O Afroconto é campo para o desenvolvimento dos estágios curriculares do curso de psicologia da UFRGS e de outras instituições de educação superior, o que possibilita que mais acadêmicos passem pela experiência da extensão. A conexão do projeto com disciplinas da Psicologia Social materializa ainda ações no campo do ensino, orientadas pela legislação da curricularização da extensão nos cursos de psicologia e fonoaudiologia da universidade.

O estudo de temas sobre a educação das relações étnico-raciais (ERER), branquitude, enfrentamento do racismo e capacitismo, fundamentado pela Psicologia Social e pela Educação, constitui o projeto de forma interdisciplinar.

As/os bolsistas de extensão são estudantes de graduação de diversos cursos da UFRGS, tais como Relações Internacionais, Direito, Fonoaudiologia, Engenharia Ambiental, Psicologia, Design de Produto e Biologia, discutindo as relações étnico-raciais a partir de diferentes campos de conhecimento e formação acadêmica. O projeto é vinculado ao Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas (NEPARC) e atua em parceria com o Programa Intercultural TEKOÁ de Saúde Negra e Indígena na UFRGS.

Uma das importantes parcerias do projeto é com o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo. Localizado no bairro Cristal, em Porto Alegre, constitui-se em um espaço cultural comunitário que, desde 2008, incentiva, apoia e desenvolve ações com as comunidades locais ao seu entorno. As ações focalizam cidadania, economia solidária, arte e cultura, com expressões artísticas de música, teatro, vídeo e literatura. Ao entrar no Quilombo do Sopapo, torna-se evidente a biblioteca comunitária Mestra Griô Sirley Amaro, com seus bonecos teatrais e tambores de sopapo. Aberta à comunidade para o empréstimo de livros com centralidade na literatura negra, constitui-se como um espaço de resistência. Em sua criação, a Mestra Griô Sirley Amaro abençoou o espaço, junto dos Mestres Griôs Neives Meireles Baptista e Gilberto Amaro do Nascimento (Giba Giba), tocadores do tambor Sopapo e nascidos na cidade de Pelotas.

Desde 2019, o Afroconto compõe ações a partir da potência antirracista da literatura negra, indígena e anticapacitista, realizando contações de histórias a estudantes vinculados a escolas públicas e projetos de contraturno no município de Porto Alegre, atendendo crianças e jovens do ensino fundamental e médio. A partir da potência e referência comunitária do Ponto de Cultura, as escolas se deslocam até lá para participarem das atividades durante um turno de aula. Os/as estudantes ouvem atentamente as histórias e realizam atividades em uma oficina relacionada ao contexto literário que as obras oferecem.

Nesse cenário, o objetivo deste trabalho é compartilhar as experiências extensionistas do projeto Afroconto e Outros Contos com o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, em Porto Alegre, no período de 2024 a 2025.

Percursos metodológicos

Para este relato de experiência, foram utilizados diários de campo das atividades realizadas. O projeto atua semanalmente no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, em um turno de quatro horas. Além disso, é utilizado um grupo de

WhatsApp para trocas de informações e combinações durante a semana. A dinâmica das ações de extensão no campo se divide em dois momentos: em uma semana fazemos reuniões de planejamento em conjunto com a coordenação do local no Ponto de Cultura; na outra semana realizamos contações de histórias para escolas e comunidade do entorno do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo que se deslocam até lá.

Os diários de campo são um recurso metodológico oriundo das ciências sociais (Freitas; Pereira, 2018) e permitem o registro das atividades realizadas, ao mesmo tempo em que possibilitam uma primeira reflexão sobre a prática exercida, incluindo sentimentos e emoções vivenciadas nas trocas que a atividade de campo proporciona. A partir de uma perspectiva freiriana sobre as práticas educativas e de extensão, os diários de campo potencializam que prática e reflexão andem juntas (Freire, 1987).

Na lógica da dialogicidade da extensão comprometida com a transformação social (Gadotti, 2017), este artigo foi escrito a quatro mãos e um depoimento oral. As autoras universitárias – professoras e estudantes -, após uma elaboração coletiva dos pontos a serem abordados neste relato de experiência, tiveram a tarefa de escrever, individualmente, suas reflexões teórico-práticas. A autora da comunidade, coordenadora do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, preferiu colaborar de forma oral para este artigo. Assim, realizamos uma entrevista semiestruturada com ela, a qual foi conduzida por uma das autoras-estudante, através do registro escrito da mesma. Posteriormente, o artigo foi enviado para leitura e revisão da autora do Ponto de Cultura. Somente após a sua concordância, o relato foi submetido à revista.

As duas professoras, em virtude de sua experiência, fizeram o trabalho de costura teórica e textual entre as reflexões das demais autoras, seguido de uma nova etapa de discussão coletiva das quatro autoras sobre o texto final. Por tratar-se de um relato de experiência na temática das relações raciais, compreendemos ser importante visibilizar o lugar de fala (Ribeiro, 2019) racializado das autoras, pois a produção de subjetividade de pessoas negras e brancas é afetada de formas diferentes, devido ao racismo.

Além da questão racial, o lugar de fala das estudantes aponta o princípio da interdisciplinaridade e interprofissionalidade que a extensão universitária desenvolve (Pereira, 2021). O Afroconto tem atuado de forma interdisciplinar, recebendo graduandos de diferentes cursos, por acreditar na potência das trocas que emergem quando os/as estudantes compartilham experiências e saberes. Uma vez

que a contação de histórias é uma prática humana, compreendemos que qualquer estudante é capaz de realizá-la. No entanto, são necessários espaços de formação sobre a contação, a ludicidade e a imaginação que a arte literária proporciona – tanto em quem escuta como em quem conta. Fanny Abramovich (1989) nos ensina sobre as “gostosuras e bobices” da contação de histórias para as crianças, sendo importante as oficinas de qualificação que realizamos com toda a equipe. Essa autora já abordava, em 1989, a falta de representatividade da “cara do terceiro mundo” na literatura infantil, e a necessidade de refletirmos sobre isso. Na mesma direção, Cavalleiro (2001) destaca o quanto faz falta a representatividade negra nas histórias infantis e a importância de que ela exista para uma produção de subjetividade negra afirmativa. Felizmente, em 2025 vivenciamos um momento histórico repleto de conquistas do movimento negro. Hoje não faltam livros de excelente qualidade com representatividade negra, muitos de autoria e/ou ilustração de pessoas negras. Nilma Lino Gomes, Sônia Rosa, Lázaro Ramos, Kiusam de Oliveira, Cidinha da Silva e Otávio Junior são apenas alguns/as dos/as escritores/as negros/as contemporâneos/as.

Neste cenário, a aposta do Afroconto em uma equipe interdisciplinar tem vários objetivos: levar a contação de histórias antirracistas e anticapacitistas a vários cursos de graduação; aprender com os/as estudantes de várias áreas de que forma seus saberes podem dialogar com as histórias infantis na luta antirracista; e possibilitar que as crianças e jovens de escolas públicas conheçam estudantes negros/as de diferentes campos do conhecimento. Desta forma, acreditamos estar formando profissionais comprometidos com o enfrentamento do racismo e do capacitismo, além de contribuirmos com a promoção da saúde dos/as estudantes das escolas públicas. É importante assinalar que a contação de histórias negras é fundamental para que as crianças brancas vivenciem um deslocamento de sua centralidade como ideal de humanidade. Ao conhecerem e se emocionarem com histórias em que os/as personagens negros/as são protagonistas, essa futura geração branca pode vir a se comprometer com um mundo menos racista.

Contando histórias envolvidas pela mata do Quilombo do Sopapo: discutindo os resultados

Durante os meses de abril de 2024 a julho de 2025, realizamos, semanalmente, 48 atividades no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo. As ações foram divididas de forma equânime entre 24 reuniões de equipe para o planejamento conjunto das atividades e 24 contações de histórias para a comunidade do entorno, incluindo escolas públicas e o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Esperança – serviço público de saúde mental, destinado a usuários de álcool e drogas.

Nos dias de reuniões, além do planejamento e seleção das histórias que seriam contadas, realizamos rodas de conversa com a comunidade, saraus de literatura negra e auxílio na organização das plantas e ervas do local. O público atendido diretamente foi de aproximadamente 900 pessoas (a maioria crianças, mas também adultos). Como público indireto, atingimos a sociedade por meio das redes sociais. Toda semana, eram publicadas no perfil do *Instagram* “@afroconto” fotos e comentários sobre as atividades realizadas, com o devido cuidado em relação às imagens das crianças atendidas. O perfil tinha 922 seguidores em outubro de 2025.

Dentre as muitas atividades que o Quilombo do Sopapo oferece à sua comunidade, como já mencionado, existe uma Biblioteca Comunitária que leva o nome da madrinha do Ponto de Cultura, Mestra Griô Sirley Amaro, que era contadora de histórias do local. Bia, coordenadora do Quilombo do Sopapo, relatou:

A escolha do nome da dona Sirley foi uma bonita homenagem em vida a ela. Foi um momento lindo, em que, aos sons do tambor, dona Sirley foi surpreendida com um quadro com a sua foto na biblioteca, no qual havia a nomeação da biblioteca com o seu nome.

A biblioteca é vinculada à Beabah! – Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul (RS). É um espaço bonito, acolhedor, decorado com bonecos de teatro e muitos livros com representatividade negra. Desta forma, esse espaço se conectou diretamente à proposta do projeto de extensão Afroconto e Outros Contos. Quando chegamos, já estavam instituídas várias atividades com a comunidade do entorno: escolas públicas, projetos sociais de contraturno escolar e um

CAPS. Nas prateleiras da biblioteca, encontramos registros dessa história a partir de várias produções do Quilombo do Sopapo.

Diante de tanta riqueza, Bia nos contou que queria ampliar um trabalho de integração da literatura com a mata do Quilombo do Sopapo, repleta de chás e ervas. Ela relatou, empolgada:

Eu já fiz uma contação de história que falava da natureza, e depois levei as crianças para o pátio para experimentar as ervas.

Contagiadas pela proposta, assumimos o compromisso de acompanhá-la nesse percurso, pois a mata é uma presença constante em todas as atividades no Quilombo do Sopapo.

A partir de agora, convidamos vocês, leitores e leitoras, a conhecer de que forma essas experiências extensionistas de contadoras de histórias foram articuladas pelas autoras com suas formações teórico-práticas.

Com a palavra, a griô “Bia”, do Quilombo do Sopapo

O Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo é um lugar repleto de natureza e arte. É uma casa com um pátio grande, repleto de plantas e árvores. Há nele uma piscina esvaziada que serve de palco para atividades artísticas, um ateliê para confecção de bonecos gigantes e uma sala que abriga um cursinho pré-vestibular popular. A casa possui salas com computadores para a comunidade, uma biblioteca, uma cozinha e um estúdio para produção visual. Todo o espaço físico simboliza criação, vida e resistência.

O espaço físico é um convite à experiência sensorial com as plantas e com as ervas – uma suspensão da pressa da cidade, do asfalto e dos olhares atraídos pelas telas dos celulares. Ali, no Quilombo do Sopapo, o convite é para os sentidos: sentar em roda, escutar histórias, apreciar ilustrações negras, tocar nas plantas e prová-las. O docinho da stévia sempre surpreende os paladares de quem nunca a provou *in natura*. Para completar, a Bia também é cantora, compositora e artista de teatro, o que enriquece ainda mais as atividades.

Assim, compreendemos que estamos diante de uma griô. Segundo Renato Nogueira (2019), os griôs não são apenas contadores/as de histórias, mas profissionais com múltiplas funções, presentes na história da África Ocidental. A

contação de histórias é apenas uma dessas funções. O ato de narrar – seja através de palavras, música ou teatro – possibilita compreender os diversos mundos existentes. Noguera (2019) comprehende que as histórias podem construir pontes ou muralhas, mas acredita na potência da educação para ampliação de mundos. Ele propõe que, a partir das conquistas do Movimento Negro com a Lei 10.639/2003, seja possível a utilização de uma tecnologia griô para as escolas brasileiras.

Nessa direção, a Bia tem sido a nossa griô, e de todos que passam pelo Ponto de Cultura. A elaboração deste relato foi construída em diálogo com ela. Quando foi feito o convite para que ela fosse coautora do artigo, aceitou prontamente. Contudo, sua vivência de liderança comunitária é alicerçada na oralidade, sendo a escrita acadêmica distante de suas experiências. Assim, construímos coletivamente um relato carregado das vivências compartilhadas, aliado a uma entrevista semiestruturada, em que a Bia pôde expressar suas reflexões sobre a parceria entre a extensão universitária e o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo.

Uma das experiências marcantes para a Bia durante o nosso trabalho conjunto foi o convite para construir uma atividade no Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da UFRGS. Depois de tanto aprendermos no território da comunidade, decidimos levá-la à universidade.

Aceito o convite, organizamos coletivamente uma oficina e roda de conversa intitulada “Ao som dos tambores: Poéticas negras e as plantas medicinais sagradas das religiões de matriz africana”, com Beatriz Rodrigues da Rosa (Bia) e o músico Richard Serraria. A atividade aconteceu dentro da programação do Novembro Negro da UFRGS, no dia 06 de novembro de 2024. Assim, em seguida passamos a narrar uma conversa entre a bolsista Luana e Bia sobre a sua presença e condução da atividade na UFRGS.

Ao ser questionada sobre como se sentiu no dia de sua oficina, Bia relatou sentir-se honrada com o convite, mas também experimentou um nervosismo natural ao falar em público. Para ela, compartilhar conhecimentos sobre plantas medicinais e práticas tradicionais é uma missão carregada de afeto e responsabilidade – já comuns dentro do Quilombo do Sopapo, mas que se altera em contextos diferentes.

A roda de conversa no evento teve ênfase nas plantas e na religiosidade. O debate tomou um rumo inesperado quando uma estudante da plateia levantou questionamentos sobre o “sacrifício” de animais em rituais religiosos. Em resposta, Bia enfatizou a importância de abordar temas sensíveis com respeito e contextualização histórica. Ela criticou comparações reducionistas (como equiparar

práticas religiosas a matadouros) e defendeu que a profundidade dos rituais de matriz africana deve ser compreendida em sua integralidade, evitando estereótipos. Segundo Hendrix Silveira (2017), temos vivido, no Rio Grande do Sul, uma perseguição às práticas das religiosidades de matriz africana, nas quais a sacralização dos animais é central. A demonização dessas práticas faz parte do que ele considera “afroteofobia”, calcada na hegemonia dos discursos cristãos.

Nessa direção, Bia argumentou com a estudante o significado da sacralização dos animais, compartilhando com o público presente que todas as partes do animal são utilizadas, seja para alimentação, seja para construção de instrumentos musicais e outros fins. Essa reflexão ampliada, segundo ela, é de grande importância para diálogos interculturais genuínos, especialmente em espaços como a universidade, onde o desconhecimento pode gerar falsas verdades.

Em relação ao público presente, composto por uma turma de 30 estudantes de psicologia, Bia percebeu pouco engajamento. Segundo ela, “houve uma falta de entrosamento, talvez por vergonha”. Bia acredita que todos ali presentes já haviam tomado algum “chazinho” ou interagido com alguma planta, sendo, portanto, questionável tal falta de envolvimento.

Ao indagar Bia sobre o sentimento de levar o seu conhecimento da natureza para a UFRGS, a resposta foi marcante: seu desejo é que cada palestra ou conversa sobre plantas possa conquistar ao menos uma pessoa, despertando nela o mesmo amor que sente pelo cultivo e pela terra. Para Bia, a transmissão de saberes não é apenas educativa, mas também um ato de resistência:

Se uma única pessoa ali começasse a plantar, fosse um vaso de chá, um pé de tomate ou uma árvore, já seria uma vitória.

Ela ainda alerta sobre a dependência e a necessidade humana do mundo verde:

No dia em que a última árvore cair, deixaremos de existir. Sem o verde, somos pó, nada além.

Finalizando nossa entrevista, a questão abordou a parceria Afroconto e Quilombo do Sopapo, e a troca entre universidade e comunidade. Bia destacou o caráter de "mão dupla" desse encontro, exemplificado tanto pela ida do projeto ao Ponto de Cultura, quanto por sua participação na UFRGS. Reconhecendo-se como alguém que normalmente evita deslocamentos, "sou meia durona", ressaltou o valor dessas experiências:

Essa troca é boa, é potente.

Um dos momentos mais significativos dessa parceria, segundo ela, ocorre na Biblioteca Comunitária Mestre Sirley Amaro no Quilombo do Sopapo. Ali, o Afroconto não apenas leva livros, mas dá vida às histórias, fazendo com que palavras antes adormecidas ganhem voz.

Um livro só tem sentido quando aberto, quando lido. Senão, vira coisa morta, cheia de pó.

Além da literatura, essa aliança se materializa no próprio território do Quilombo do Sopapo. Cada planta cultivada por mãos universitárias ou comunitárias, como destacou Bia, “eterniza uma presença”, transformando o Quilombo do Sopapo em um livro vivo de saberes. Ela finalizou com um desejo:

Que essa aliança seja eterna, esse abraço carinhoso que já não está só na biblioteca, mas nas plantas, nas pessoas, e em tudo que cresce junto.

Àpò – A Mala e Zum Zum Zumbiiii: tambores, capoeira e subjetividade – reflexões de uma estudante negra de psicologia

Com as contações de histórias realizadas na biblioteca do Quilombo do Sopapo e as atividades posteriores, buscamos viabilizar a cultura negra e afro-brasileira em nosso país. Por meio dos livros Àpò – A Mala, de Elcimar Dias Pereira, Zanza Gomes e Marília da Silva e Zum Zum Zumbiiii, de Sônia Rosa, promovemos duas diferentes atividades.

Com a obra Àpò – A Mala, que retrata a história de dois irmãos que conversam sobre a língua yorubá e as contribuições diáspóricas trazidas do continente africano para o Brasil, trabalhamos os elementos presentes no livro, como, por exemplo, os tambores, que possuem grande significado para a cultura Yorubá – grupo étnico-lingüístico da África Ocidental.

Já com o livro Zum Zum Zumbiiii, que percorre a história de Zumbi dos Palmares, após a contação realizamos atividades voltadas para a capoeira, que, além de uma dança cultural, também é uma luta trazida para o Brasil, de origem afro.

Através das histórias, buscamos lembrar e reafirmar as raízes presentes na cultura brasileira, viabilizando principalmente os elementos que são intrínsecos

em nosso cotidiano, embora suas origens sejam frequentemente silenciadas. Houve uma tentativa de apagamento histórico da população negra em decorrência da política de branqueamento, que estruturou as relações étnico-raciais no Brasil. No final da escravização e início do século XX, o Brasil estimulou a imigração alemã e italiana com o intuito de “melhorar” e branquear a população brasileira. O estado do Rio Grande do Sul é fortemente marcado por essa história, chegando a se considerar a Europa do Brasil (Bento, 2007).

De acordo com Maria Aparecida Bento (2007), as políticas de branqueamento reforçaram os privilégios da população branca no nosso país, consolidando-a como parâmetro de normalidade, beleza, saúde, responsabilidade, bondade – ou seja, os atributos positivos do ser humano. Como efeito, a população branca participa das relações raciais como beneficiária direta do racismo, simplesmente por ter um corpo branco. Esse privilégio herdado é denominado branquitude. Estudos brasileiros recentes demonstram que, independentemente da classe social ou posicionamento político, a branquitude está presente na vida das pessoas brancas, em todos os âmbitos da vida – profissional, educacional e emocional (Vainer, 2016; Cardoso, 2010).

Do ponto de vista subjetivo, Fanon (2012) demonstrou como o ideal branco produz na população negra o desejo de embranquecimento frente à violência do racismo. No entanto, apesar das tentativas de tornar-se branco, isso jamais será possível, constituindo mais uma das violências das sociedades racistas. Assim, o racismo gera desconforto no sujeito negro, evidenciando o embranquecimento como um dos principais causadores de sofrimento nas subjetividades negras.

Historicamente, o embranquecimento e a branquitude que estruturam as relações étnico-raciais colocam o sujeito negro majoritariamente como o objeto de estudo – “o problema” –, enquanto o branco é isento da responsabilidade na manutenção das relações desiguais.

Segundo Neusa dos Santos (1983) em *Tornar-se Negro*, os impactos do racismo no psicológico do indivíduo são nefastos, pois o processo de identificação de ser negro pode ser adoecedor. A força do ideal branco, inalcançável para a pessoa negra, violenta o processo identitário negro de fora para dentro. Essa lógica adoecedora e patologizante, que visa o negro como objeto de estudo, exige reflexão: quais são as possibilidades dadas ao sujeito negro para ser ele mesmo?

A partir do momento que as relações sociais foram construídas a base do embranquecimento das subjetividades negras, temos como consequência o

apagamento e a invisibilidade das pluralidades dessas subjetividades, bem como de suas origens e raízes africanas, que caminham lado a lado com a nossa cultura.

Neusa dos Santos (1983) inaugurou, no Brasil, uma leitura psicanalítica sobre os impactos perversos do racismo na população negra, possibilitando que a discussão sobre a subalternização dos corpos negros na nossa sociedade. Contudo, seu trabalho também sinaliza as possibilidades de resistência que as pessoas negras constroem diante da残酷 do racismo, as quais se fortalecem através das lutas coletivas.

Por isso, são necessários espaços que possibilitem a fuga desse lugar de objeto de estudo e de sofrimento. Nessa direção, o Afroconto buscou, na literatura infantil negra – que não ignora o sofrimento da população negra, mas também não o transforma no ponto central das histórias –, proporcionar aos estudantes um espaço de exibição das lutas, dos antepassados e do passado. Utilizando os livros como um dispositivo para o movimento antirracista e para o processo identitário, é ressignificado o lugar patologizante em um espaço acolhedor, no qual o ser negro é afirmado e reafirmado, exaltando suas belezas.

Como mulher negra e formada em escolas públicas de Porto Alegre, onde pouco se discutia sobre etnicidade e racialidade, conhecer e partilhar histórias que envolvem o protagonismo negro e nosso passado foi impactante, pois tive a possibilidade de afirmar e reafirmar minha identidade junto aos estudantes, contribuindo para que eles se identificassem. Todas essas experiências e reflexões têm sido importantes na minha formação como estudante de psicologia.

O Black Power de Akim: a apropriação da temática do racismo na infância para o curso de fonoaudiologia – reflexões de uma estudante negra de fonoaudiologia

Ao discutirmos o desenvolvimento da linguagem em crianças negras – tema pouco explorado nas salas de aula voltadas à comunicação humana, especificamente na Fonoaudiologia – é imprescindível refletir sobre o contexto cultural e as vivências específicas dessas crianças. É necessário considerar os fatores que contribuem para o desenvolvimento da linguagem, sendo os principais fatores social e cultural (Vygotsky, 2008).

Em nosso trabalho extensionista, atuamos em comunidades periféricas, nas quais testemunhamos inúmeras dificuldades vivenciadas por esses estudantes. Por exemplo, muitos vivem em uma realidade que os distancia da literatura, seja por falta de espaços que os estimule a ler e conhecer mais de sua cultura, seja por uma realidade socioeconômica que os permite ter menos do que o básico. Apesar das conquistas de políticas públicas em prol da redução das desigualdades no Brasil, as comunidades periféricas e distantes do centro da capital continuam vivenciando a violação dos direitos humanos e a dificuldade de acesso à direitos fundamentais.

Aliado a isso, apesar da Lei 10.639/2003 – que obriga o ensino da história e contribuição negra africana no Brasil –, nem sempre existem ações efetivas nas escolas para apresentar a literatura negra. Isso seria fundamental para fazer com que as crianças e jovens conhecessem autores e histórias que não mostrem a negritude em segundo plano ou inexistente. Como pessoa negra, consigo ver os processos de identificação como uma peça importante para o contato com a literatura e a linguagem.

Com as contações no Quilombo do Sopapo, conseguimos notar esses aspectos de identificação étnico-racial e social sendo um impulso positivo e aproximando as crianças da literatura. Como por exemplo, quando a história escolhida para a contação foi O Black Power de Akim, de Kiusam de Oliveira, para crianças de 07 a 11 anos de escolas da região do Ponto de Cultura (bairro Santa Tereza), que participam de um projeto de contraturno da escola chamado Associação Cultural da Sagrada Família – ACASA.

Essa história infantil retrata a beleza negra para além da estética, traz a ancestralidade, relata como a força e beleza de nossos ancestrais está presente em nós, mesmo que não seja percebida, e como é importante encontrar esses atributos por dentro e por fora. As crianças se mostraram muito emocionadas quando, em um determinado momento da história, Akim sofre racismo de seus colegas e seu avô o lembra de onde vem sua beleza e que não deve escondê-la.

Após a contação, ocorreu uma atividade de desenho para que eles se lembrassem de seus ancestrais e pessoas importantes no seu dia a dia: a família. Levamos lápis e gizes de cera com uma diversidade de tons de pele negra, para apresentá-los a diversidade que existe em nossas peles e que a cor que um dia foi considerada “tom de pele” só contempla um grupo de pessoas, as brancas. No livro, os ancestrais precisam lembrar Akim de sua beleza, que foi herdada de guerreiros, reis e rainhas, assim, as crianças fizeram um retrato de sua família e todos que

faziam eles lembrarem de sua beleza, e apresentaram aos colegas, fazendo com que eles vissem suas diferenças, igualdades e o mais importante: como cada um é único. A representação positiva e rica de personagens semelhantes ajudou as crianças a valorizarem sua própria identidade e a perceberem que suas histórias, culturas e vivências são dignas de serem contadas.

A importância da representatividade negra nas histórias infantis tem sido pesquisada por várias autoras (Guedes; Nogueira, 2020; Cavalheiro, 2007). Essa identificação pode aumentar a autoestima das crianças negras e fortalecer a confiança em suas capacidades linguísticas e cognitivas. Se uma criança vê personagens que falam como ela, têm os mesmos costumes ou enfrentam os mesmos desafios, ela pode se sentir mais à vontade para usar sua própria linguagem e expressar suas experiências. As contações também trazem reflexões para crianças brancas, de não reproduzirem esse comportamento e acolherem seus amigos e denunciar caso ocorram situações de racismo.

Como contadora da história e negra, pude perceber como os momentos de contação com protagonistas negros são importantes para crianças negras: ouvir que somos descendentes de Reis e Rainhas faz com que eles se sintam empoderados, e ouvir a história sendo contada por uma pessoa negra os deixa confortáveis com a sua própria história. Durante o período das atividades, sempre ouço que sou linda e que pareço muito com uma mãe, uma irmã ou alguém que eles amam, e essa se torna a melhor parte do dia para mim. Ter sido uma criança negra com poucos protagonistas semelhantes me tornou muito calada durante a apresentação de autores e histórias. Eliane Cavalleiro (2007) é uma pesquisadora sobre o racismo nas escolas e demonstrou como havia um silêncio ao redor do tema do racismo. Nessa direção, vejo como este trabalho de extensão é importante quando, após as contações, as crianças tem tanto a falar sobre si, sobre mim, sobre o livro, querendo ler e ver as imagens, falando suas vivências parecidas com as dos protagonistas, bem como a semelhança entre seus cabelos ou com de algum familiar. Esses momentos são ricos de potência e de desenvolvimento, não só dos jovens, mas também meu, como futura fonoaudióloga.

Para criar passarinhos: o contato com a natureza e os orixás na infância – reflexões de uma estudante negra de relações internacionais

Nas contações feitas para estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Loureiro da Silva, próxima ao Quilombo do Sopapo e visitante assídua do mesmo, o grupo do Afroconto percebeu que atividades antirracistas eram comuns no ambiente escolar. A partir da efetivação da Lei 10.639/2003 na escola, percebemos que muitos alunos exaltavam personagens negros e se conectavam com religiões de matriz africana. Lembramos também que esse bairro é um território negro da cidade. Pensando nas características da escola e estudantes, uma atividade foi organizada e seu objetivo era de levá-los para o Quilombo do Sopapo e aproximá-los um pouco da natureza e da misticidade do Orixá Ossanha e seu passarinho.

A infância contemporânea tem sido marcada por uma convivência cada vez mais intensa com a tecnologia. Dados recentes revelam que o uso de smartphones por crianças atingiu uma média de 4 horas diárias (SECOM, 2024). Essa informação nos permite refletir sobre a realidade de muitas crianças que, ao retornarem de suas atividades escolares, recorrem à tecnologia como principal fonte de entretenimento, enquanto brincadeiras ao ar livre, interações com a natureza e conexões humanas vão se tornando menos frequentes.

Pensando na importância de resgatar a vivência no “mundo real”, em setembro de 2024, nos debruçamos sobre o livro “Para criar passarinho”, de Bartolomeu Campos de Queirós. Ressaltamos que este não é uma obra com representatividade negra, mas foi escolhido por uma bolsista beninense pela beleza que ela lhe proporcionou vivenciar. Aliado ao fato de dialogar com o local do Quilombo do Sopapo, repleto de árvores e pássaros. Por meio da metáfora dos pássaros que voam livres entre árvores, longe das gaiolas, o autor nos convida a refletir sobre o valor da liberdade e da conexão com a natureza. Essa abordagem serviu como um ponto de partida para um diálogo mais amplo, que nos levou a explorar um tema ainda mais profundo: a espiritualidade na Umbanda e sua relação com o Orixá Ossanha, guardião das ervas, da cura e das matas, e que tem como grande amigo um pássaro invisível aos humanos.

Assim, na manhã da atividade, após a contação do livro na biblioteca, levamos as crianças para a área externa e ensinamos uma dobradura de passarinho, para

que tivessem sempre consigo a lembrança da liberdade de voar e se desprender das gaiolas. Após isso, os pequenos estudantes foram levados para a mata, onde escutaram a história de Ossanha, contada por Luana Lopes da Silva. As crianças recolheram folhas e galhos que já haviam caído das árvores e levaram para o ninho feito por nós, bolsistas; após, colaram os verdes nos ninhos e aconchegaram seus pássaros em suas novas casas.

Percebemos, durante a atividade, um grupo de alunos impacientes ou frustrados por não conseguirem completar suas dobraduras, pedindo para que as professoras e bolsistas fizessem o trabalho para eles, entretanto, demos a ajuda necessária para que conseguissem finalizar seus passarinhos com as próprias mãos. Além disso, recebemos muitos questionamentos sobre Ossanha, pois os alunos queriam entender como ele vive sempre nas matas e tem um amigo pássaro para se comunicar. As dúvidas foram respondidas de forma lúdica, conseguindo exaltar a religião da Umbanda e valorizar a força das matas.

Ao abordar a Umbanda com os alunos, encontramos uma relação com a Educação Ambiental. Segundo David (2022, p. 134), "a Umbanda coloca em prática o projeto de resistência ao capitalismo que é compartilhado pela Educação Ambiental, ao passo em que dá voz e protagonismo a sujeitos que foram silenciados, marginalizados e violentados pela colonialidade".

Enquanto a tecnologia muitas vezes nos distancia dessas dimensões, a Umbanda e a natureza em geral resgatam a vivência humana em equilíbrio com o meio ambiente, promovendo uma educação crítica e uma prática espiritual que rompe com as estruturas opressoras da modernidade. A escolha de Ossanha como símbolo dessa discussão não é aleatória: ele é a força que conecta a sabedoria ancestral das plantas com a cura e a espiritualidade, nos lembrando de que, assim como os pássaros, nossa verdadeira liberdade está em nos reconectarmos com o que nos torna inteiros – a natureza e o coletivo.

Por fim, as atividades feitas no Quilombo do Sopapo com a Escola Loureiro da Silva me atingiram de forma positiva dentro e fora da universidade. Como estudante de Relações Internacionais, pude levar autores e conceitos acadêmicos para a comunidade, apresentando Frantz Fanon e Nelson Mandela para alunos que ainda não tiveram contato com tais figuras importantes. Em minha vida pessoal, me alegrei muito ao ver crianças falando abertamente sobre sua religião, pois em meu passado, ser da religião de Umbanda me trazia preconceitos e intolerância religiosa na escola e, atualmente, temos mais espaço para a valorização das religiões de matriz africana dentro do ambiente escolar. Contudo, infelizmente o racismo

religioso ainda persiste no Brasil, principalmente num momento internacional de avanço de pautas conservadoras.

Considerações finais

A tecnologia griot é um modo de enfrentar o mistério da vida animando a existência como um fenômeno narrativo. No contexto da tecnologia griot aplicada à educação, aprender pode ser uma maneira de reinventarmos os nossos rumos (Noguera, 2019. p. 275).

O projeto de extensão Afroconto e Outros Contos tem promovido muitas trocas significativas por meio da contação de histórias, principalmente aquelas protagonizadas por personagens negros/as, envolvendo estudantes de escolas públicas e movimentos sociais. O encontro com o território negro do Quilombo do Sopapo, em Porto Alegre, proporcionou experiências potencializadoras, aliando a riqueza da literatura infantil negra nacional e internacional ao cheiro da mata, ao gosto dos chás, ao embalo da música e dos tambores.

O diálogo da universidade com este Ponto de Cultura – e, fundamentalmente, com sua coordenadora, a griô Beatriz Rodrigues da Rosa – fortaleceu a compreensão de que as ações de extensão possibilitam compreender de que forma as iniquidades raciais continuam operando na sociedade. Dessa forma, é essencial aprofundar os estudos sobre o racismo e seus impactos na infância, tanto para as crianças negras como para as crianças brancas.

Além disso, é fundamental refletir sobre os efeitos deste projeto na formação de nossas estudantes negras. Com Luana, Giulia e Eva, acompanhamos a beleza dos livros infantis escolhidos. Em todos eles, a contribuição negra africana no nosso Brasil: a língua yorubá, a luta de Zumbi de Palmares, a força artística da capoeira e da musicalidade dos tambores. Por outro lado, o racismo presente no cotidiano das escolas enfrentado por Akin, com o suporte de seu avô. Por fim, a história dos passarinhos e seus voos livres, altos, pedindo sempre novos horizontes, embalados pela força dos Orixás.

Através dessas histórias, pudemos acompanhar as trajetórias críticas das estudantes, entrelaçando seus conhecimentos teóricos com as experiências vividas. Em todas elas, o reconhecimento de que a extensão produz saberes singulares e autorais. A partir do eixo central da luta antirracista através da contação de histórias, elas nos mostram como é possível tematizar o racismo nas diversas áreas do conhecimento (relações internacionais, psicologia, fonoaudiologia).

Em relação às crianças e jovens das escolas públicas que escutaram as contadoras negras do Afroconto, percebeu-se o olhar brilhante dos estudantes negros com a possibilidade de se reconhecerem em um lugar de autoridade. O jogo complementar entre as ilustrações negras dos livros e o corpo preto das estudantes. Possivelmente esse encontro coloca no horizonte dessas crianças a crença de que a universidade também é pra elas.

Como disse Renato Nogueira (2019), a educação precisa construir pontes, não muralhas. A história hegemônica que nos constituiu elegeu o discurso ocidental, patriarcal, branco, colonial, capitalista e cristão como a norma. Mas o Movimento Negro sempre lutou para quebrar essa muralha e possibilitar pontes que permitem trocas entre as muitas culturas e sociedades que enriquecem a vida. Dessa forma, reafirmamos o compromisso da universidade pública com o enfrentamento do racismo e de todas as formas de opressão.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil*: Gostosuras e bobices. Scipione, 1989.
- BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil (3^a ed., pp. 5–35). Vozes, 2007.
- CARDOSO, L. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.
Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2010000100028&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 de janeiro de 2026.
- CAVALLEIRO, E. dos S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Contexto, 2007.
- DAVID, R. S. Sem folha não há orixá: Aproximações entre umbanda e educação ambiental. Boletim de Conjuntura, v. 4, n. 12, p. 34, 2022.
Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/726/514>. Acesso em: 08 jan. 2026.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. EDUFBA, 2012.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, M.; PEREIRA, E. R. O diário de campo e suas possibilidades. Quaderns de Psicologia, v. 20, n. 3, p. 235-244, 2018.
DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>.
- GADOTTI, M. Extensão universitária: Para quê? Instituto Paulo Freire, v. 15, p. 1-18, 2017.
- GOMES, Z.; PEREIRA, E. D.; SILVA, M. *Àpô: A Mala*. Edições Kisimbi, 2022.

GUERREIRO, J. L. Revisitando o Cultura Viva e os pontos de cultura. *PragMATIZES – Revista Latino-Americanana de Estudos em Cultura*, v. 14, n. 26, p. 122-143, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v14i26.61238>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022: Pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Agência IBGE Notícias, 2022.

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 08 jan 2026.

NASCIMENTO, A. Quilombismo: Um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). AFROCENTRICIDADE: Uma abordagem epistemológica inovadora. Selo Negro Edições, 2013.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, A. (Org.). *Eu sou Atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Instituto Kuanza, 2006.

NOGUERA, R. Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é: Tecnologia griot, filosofia e educação. Problemata: Revista Internacional de Filosofia, v. 10, n. 2, p. 258-277.

DOI: <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49137>.

OLIVEIRA, K. *O black power de Akim. Ilustrações de Rodrigo Andrade*. São Paulo: Editora de Cultura, 2020.

PEREIRA, S. C. Educação, interdisciplinaridade e interprofissionalidade: Bases e perspectivas epistemológicas. In: MATTOS, K. J. V. M.; QUINTEIRO, R. S.; PEREIRA, S. C. (Org.). *Interdisciplinaridade e interprofissionalidade: Um diálogo com diferentes campos do conhecimento*. CRV, 2021.

QUEIRÓS, B. C. Para criar passarinho. *Ilustrações de Guto Lacaz*. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Pôlen Livros, 2019.

ROSA, S. *Zum zum zumbiiiiii: história de Zumbi dos Palmares para crianças*. Ilustrações de Simone Matias. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2016.

SANTOS, N. S. *Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Graal, 1983.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais [E-book]. SECOM/PR, 2024.

Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versaoWEB.pdf. Acesso em: 08 jan 2026.

SERRARIA, R. Tamboralitura: Sopapo, representação e autoria enquanto cancionística negra no RS. In: RAMOS, L. (Ed.). Literaturas da América Ladina: Um percurso pelas literaturas de autoria negra latino-americana [Número especial]. Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura, v. 5, p.119-140, 2022.

SILVA, L. G. da.; NOGUEIRA, R. Repensando as infâncias das crianças negras: Notas afroperspectivistas e introdutórias a partir do Sopapinho Poético. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 3, n. 9, 187–203, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.29327/2410051.8.23>.

SILVEIRA, H.; CUSTÓDIO, E. Combatendo a afroteofobia: Argumentos jurídicos e teológicos para a defesa da sacralização de animais em ritos de matriz africana. *Revista Labirinto*, v. 26, p. 35-54, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/2098/1997>. Acesso em: 08 jan 2026.

VAINER, L. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. Veneta, 2016.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. Martins Fontes, 2008.

♦ VOL. 14, 2026, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces - Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces
Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br



PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

U F M G